

# **IX CONGRESSO DA FEPODI**

**DIREITO, ARTE E LITERATURA**

A532

Anais do IX Congresso Nacional da FEPODI [Recurso eletrônico on-line] organização  
IX Congresso Nacional da FEPODI – São Paulo;

Coordenadores: Abner da Silva Jaques, Jaqueline de Paula Leite Zanetoni e Sinara  
Lacerda Andrade Caloche – São Paulo, 2021.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5648-456-3

Modo de acesso: [www.conpedi.org.br](http://www.conpedi.org.br)

Tema: Direito, Desenvolvimento e Cidadania

1. Pesquisa no Direito. 2. Universidade. 3. Pós-graduação. 4. Graduação. 5.  
Universalização do Conhecimento. I. IX Congresso Nacional da FEPODI (1:2022 : São  
Paulo, SP).

CDU: 34



## **IX CONGRESSO DA FEPODI**

### **DIREITO, ARTE E LITERATURA**

---

#### **Apresentação**

A Federação Nacional de Pós-Graduandos em Direito (FEPODI) realizou, nos dias 09 e 10 de dezembro de 2021, o IX Congresso Nacional da FEPODI, de maneira virtual, em que os eixos temáticos da edição foram “Direito”, “Desenvolvimento” e “Cidadania”.

O evento foi realizado em parceria com o Ecosistema Ânima Educação e, contou, no geral, com 20 apoiadores diretos, sendo eles: 1. Instituto Sul-mato-grossense de Direito – ISMD (MS); 2. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS (MS); 3. Programa de Pós-Graduação em Direito da UFMS – PPGD/UFMS (MS); 4. Centro Universitário UNIFAFIBE – (SP); 5. Instituto Brasil – Portugal de Direito – IBPD (SP); 6. Universidade CEUMA (MA); 7. Escola Superior da Advocacia de Mato Grosso do Sul – ESA (MS); 8. Universidade Mogi das Cruzes – UMC (SP); 9. Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Direito – CONPEDI (SC); 10. Centro Universitário Curitiba – UNICURITIBA (PR); 11. Universidade Católica Dom Bosco (UCDB); 12. Universidade de Marília (SP); 13. Programa de Pós-Graduação em Direito da UNIMAR – PPGD/UNIMAR (SP); 14. Centro Universitário Ritter dos Reis – UNIRITTER (RS); 15. Instituto de Desenvolvimento Humano Global – IDHG (SP); 16. Liga Acadêmica de Direito Internacional da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – LADIN/UFMS (MS); 17. Liga Acadêmica de Direito Ecológico – LADE/UFMS (MS); 18. Universidade Presbiteriana Mackenzie (MACKENZIE); 19. Instituto Avançado de Ensino Superior e Desenvolvimento Humano – INSTED (MS) e; 20. Centro Acadêmico Luís Gama da UNIGRAN Capital – CALUG/UNIGRAN (MS).

No geral, foram realizados 5 (cinco) atos no decorrer do evento:

1. Mesa de abertura, composta por Orides Mezzaroba (Presidente do CONPEDI), Sinara Lacerda Andrade Caloche (Presidente da FEPODI), Vladimir Oliveira da Silveira (Coordenador do PPGD/UFMS) e Sandra Regina Martini (Coordenadora do PPGDH/UNIRITTER e representante do Ecosistema Ânima Educação). Na ocasião, ressaltou-se a importância da FEPODI para a qualificação da pesquisa em Direito no Brasil e reafirmou-se, também, o apoio institucional na organização dos próximos eventos.

2. Conferência de abertura “o Direito fraterno e a fraternidade do Direito”, ministrada pelo professor Eligio Resta, vinculado à Università degli Studi di Roma Ter. Como debatedoras, atuaram as professoras Sandra Regina Martini (UNIRITTER) e Janaína Machado Sturza

(UNIJUÍ). Destacou-se a importância da metateoria do Direito Fraternal na formação de um conceito biopolítico por excelência, que tem sido retomado atualmente com o significado de compartilhamento e de pacto entre iguais.

3. Painel sobre as “perspectivas e desafios do desenvolvimento sustentável e a proteção da natureza”, composto pelos professores Alberto Acosta (FLACSO), Mariana Ribeiro Santiago (UNIMAR) e Lívia Gaigher Bósio Campello (UFMS). Essa discussão, correlacionada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, tem se tornado tradição no âmbito da FEPODI enquanto uma de nossas pautas de preocupação.

4. Painel sobre a “importância da pesquisa e publicações no mestrado acadêmico”, composto por Felipe Chiarello de Souza Pinto (MACKENZIE), Viviane Coêlo de Séllos Knoerr (UNICURITIBA), Jonathan Barros Vita (UNIMAR) e José Querino Tavares NETO (UFG). Cada painalista trouxe uma contribuição essencial, que permeou debates desde as métricas relevantes a um programa de pós-graduação e sua avaliação, até práticas e iniciativas de sucesso que foram adotadas no decorrer da pandemia da Covid-19. Ao final, houve uma abordagem mais crítica no que diz respeito às técnicas avançadas de pesquisa em Direito e à ausência de preocupação com a legitimação do incentivo à ciência.

5. Mesa de encerramento do evento, composta por Sinara Lacerda Andrade Caloche (Presidente da FEPODI), Jonathan Barros Vita (UNIMAR), Elisaide Trevisam (UFMS), Sandra Regina Martini (UFMS-UNIRITTER representando o Ecossistema Ânima Educação), Abner da Silva Jaques (Tesoureiro da FEPODI) e Jaqueline de Paula Leite Zanetoni (2ª Diretoria de políticas institucionais da FEPODI). No decorrer, foram: (i) tecidos comentários sobre o evento e sobre a gestão em encerramento da FEPODI; (ii) apresentados dados e informações acerca da abrangência do evento; (iii) destinados agradecimentos aos docentes que participaram dos GT's e que auxiliaram na avaliação textual dos resumos expandidos, bem como aos acadêmicos e instituições que concederam apoio ao evento; (iv) lida a ATA de eleição da nova gestão da FEPODI, para o biênio de 2022-2023, entre outros.

No que tange à submissão de resumos expandidos e à realização dos GT's, destaca-se, mais uma vez, que a abrangência da FEPODI foi nacional, pois contemplou as cinco regiões do país, alcançando, no geral, 19 estados da Federação Brasileira. Isto, para nós, é muito significativo, na medida em que evidencia que a pesquisa científica não pertence a um estado ou uma região. É feita por todos, de todos e para todos.

Ao total, foram 113 trabalhos aprovados no evento, que envolveram 211 autores. Sendo eles, 42 doutores; 8 doutorandos; 22 mestres; 70 mestrandos; 3 especialistas; 4 especializandos; 5

graduados e 57 graduandos. Esses números mostram como é possível estabelecer uma relação de integração entre a graduação e a pós-graduação, para privilegiar a pesquisa sobre Direito no Brasil. Há, inclusive, uma valorização da produção ainda na graduação, que muito nos alegra justamente porque levamos essa como uma missão institucional.

Os trabalhos que compõem estes anais foram apresentados no decorrer dos dois dias, distribuídos em 13 GT's diferentes. Para tanto, foram fundamentais as contribuições oferecidas por todos os coordenadores, que sempre aceitam com disposição o convite da FEPODI para auxiliar os nossos acadêmicos na construção de seus trabalhos científicos. Foram concedidas dicas, menções e críticas construtivas que auxiliaram nos propósitos de formar pesquisadores e democratizar o conhecimento. São eles: 1. Vivian de Almeida Gregori Torres (UNIMEP); 2. Lucas Pires Maciel (UNITOLEDO); 3. Lívia Gaigher Bósio Campello (UFMS); 4. Joseliza Vanzela Turine (UFMS); 5. Jessé Cruciol Júnior (UFMS); 6. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr (UNICURITIBA); 7. Olavo de Oliveira Neto (UFMS); 8. Ynes da Silva Félix (UFMS); 9. Aurélio Tomaz da Silva Brittes (UFMS); 10. Yuri Nathan da Costa Lannes (MACKENZIE); 11. Marcelo Chiavassa de Mello Paula Lima (MACKENZIE); 12. Caio Augusto Souza Lara (DOM HELDER); 13. Sabrinna Correia Medeiros Cavalcanti (UFCG - FACISA); 14. Andrea Flores (UFMS); 15. Rejane Alves Arruda (UFMS); 16. Silmara Domingues Araújo Amarilla (ESMAGIS/MS); 17. Regina Vera Vilas Boas (PUC/SP); 18. Reginaldo de Souza Vieira (UNESC); 19. Maria Esther Martinez Quinteiro (UFMS); 20. Ana Paula Martins do Amaral (UFMS); 21. Thiago Allisson Cardoso de Jesus (CEUMA); 22. Vladimir Oliveira da Silveira (UFMS – PUC/SP); 23. Daniel Barile da Silveira (UNIMAR); 24. Luciani Coimbra de Carvalho (UFMS); 25. Jonathan Barros Vita (UNIMAR); 26. Irene Patrícia Nohara (MACKENZIE); 27. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini (FMU - UNIVEM); 28. Walkiria Martinez Heinrich Ferrer (UNIMAR); 29. Fernanda Mesquita Serva (UNIMAR); 30. Sandra Regina Martini (UFMS - UNIRITTER); 31. Ulisses Schwarz Viana (IDP); 32. Elisaide Trevisam (UFMS); 33. Elaine Dupas (UFMS) e; 34. Jackson Passos Santos (PUC/SP).

Nos GT's, exigiu-se, também, um elevado esforço de auxiliares na organização do evento: 1. Arthur Gabriel Marcon Vasques; 2. Bianca Silva Pitaluga; 3. Caroline Lopes Placca; 4. Cicília Araújo Nunes; 5. Diego Fortes; 6. Eric José Migani; 7. Elisangela Volpe; 8. Gabriel Vinícius Carmona Gonçalves; 9. Henrique de Souza Wirz Leite; 10. Israel Aparecido Correa; 11. João Pedro Ignácio Marsillac; 12. João Pedro Rodrigues Nascimento; 13. Jônathas Willians; 14. Karla Aleksandra Falcão Vieira Celestino; 15. Larissa Saad; 16. Matheus Figueiredo Nunes de Souza; 17. Michel Ernesto Flumian; 18. Rafael Costa Cabral; 19.

Rafaela de Deus Lima; 20. Roseanny Expedito Leite Moura; 21. Suziane Cristina de Oliveira; 22. Thaís Fajardo; 23. Thális Alves Maciel; 24. Vanessa Siqueira Mello; 25. Vinícius Araújo Guedes e; 26. Welington Oliveira de Souza dos Anjos Costa.

O evento só foi possível graças à participação e ao apoio de todas essas pessoas, que confiaram no nosso trabalho.

Em mais uma edição, temos a satisfação em compartilhar com a comunidade acadêmica os anais de nosso evento. Embora seja apenas uma parcela do que representa a grandiosidade do IX Congresso Nacional da FEPODI, certamente os trabalhos ora divulgados transmitem elevado conhecimento e propiciam o incentivo à democratização da pesquisa e ao fortalecimento da ciência. Mais que isso, refletem a esperança na transformação social a partir da educação.

Que sigamos sempre caminhando e sonhando, cheios da esperança que haverá um momento em que a ciência será o centro das mais importantes decisões que são tomadas.

Esperamos que todos possam aproveitar a leitura.

Abner da Silva Jaques

Presidente da FEPODI

Jaqueline de Paula Leite Zanetoni

Vice-presidente da FEPODI

Sinara Lacerda Andrade Caloche

Ex-presidente da FEPODI (2020-2021) e Coordenadora-Geral do IX Congresso Nacional da FEPODI

## DO DECAMERON À LITERATURA DE CORDEL: LINHAS ABISSAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA

### FROM DECAMERON TO CORDEL LITERATURE: ABYSSAL LINES IN TIMES OF PANDEMIC

Tiago Pires Cotias Villas <sup>1</sup>

#### Resumo

Sob a perspectiva das epistemologias do Sul, desenvolvida por Boaventura de Sousa Santos, o presente artigo analisa como a pandemia de COVID-19 aprofunda as desigualdades sociais, atingindo de modo mais agressivo e letal grupos sociais historicamente discriminados e excluídos por linhas abissais – formas de exclusão social – presentes na sociedade brasileira contemporânea. A partir deste referencial teórico, destaca-se o possível diálogo entre as ciências humanas e outras formas de conhecimento como a arte. Através do clássico “Decameron” de Boccaccio e obras da literatura de cordel de autores cearenses, observa-se como a arte realiza uma efetiva crítica social ao denunciar as linhas abissais, transformando esteticamente o sofrimento e a indignação em narrativas literárias – arte pós-abissal.

**Palavras-chave:** Pandemia, Epistemologias do sul, Direito e literatura

#### Abstract/Resumen/Résumé

From the perspective of the epistemologies of the South, developed by Boaventura de Sousa Santos, this article analyzes the COVID-19 pandemic deepens social inequalities, reaching more aggressively and lethally social groups historically discriminated and excluded by abyssal lines - forms of social exclusion - present in contemporary Brazilian society. From this theoretical framework, the possible dialogue between the human sciences and other forms of knowledge such as art is highlighted. Through the classic “Decameron” by Boccaccio and works of cordel literature by authors from Ceará, it is observed how art performs an effective social critique when denouncing the abyssal lines, aesthetically transforming suffering and indignation into literary narratives – post-abyssal art .

**Keywords/Palabras-claves/Mots-clés:** Pandemic, Epistemologies of the south, Law and literature

---

<sup>1</sup> Mestre em Direito pela UFRJ

## **1. INTRODUÇÃO**

Logo após a constatação de que a disseminação do coronavírus tinha atingido escalas mundiais – caracterizando um cenário pandêmico – difundiu-se a ideia de que todos indivíduos estariam igualmente suscetíveis à infecção e, portanto, a pandemia atingiria todos de forma democrática: qualquer pessoa, independentemente de sua realidade socioeconômica, seria uma vítima potencial. Tal concepção rapidamente se demonstrou falaciosa na medida em que a pandemia aprofundou as desigualdades sociais.

A partir do pensamento de Boaventura de Sousa Santos, será analisado como a pandemia atinge de forma mais penosa e letal grupos sociais historicamente discriminados e excluídos. Neste sentido, serão denunciadas as linhas abissais – formas de exclusão social dominantes – presentes na sociedade brasileira.

Sob a ótica das epistemologias do Sul, conceito desenvolvido por Boaventura que visibiliza realidades e experiências excluídas, destaca-se o possível diálogo entre as ciências humanas e outras formas de saber como a arte. Deste modo, será demonstrado como a arte tematiza tempos pandêmicos, dando voz aos grupos sociais que padecem de maneira desproporcional dos efeitos decorrentes de uma pandemia. Para tanto, serão examinados o clássico “Decameron” de Boccaccio e obras da literatura de cordel de autores cearenses.

O método de pesquisa adotado é o indutivo, tendo como marco teórico o pensamento de Boaventura de Sousa Santos, ancorado no referido paradigma conceitual: as epistemologias do Sul. As técnicas de pesquisa são baseadas em revisão bibliográfica e fontes diretas – obras literárias.

## **2. A PANDEMIA SOB A ÓTICA DAS EPISTEMOLOGIAS DO SUL**

Perante a deflagrada pandemia de COVID-19, a OMS (Organização Mundial da Saúde) recomendou a quarentena como meio mais eficaz de prevenção tendo em vista os altos índices de contaminação e elevado grau de letalidade da doença. Porém, a necessidade de isolamento social não significa que automaticamente todos os indivíduos poderão exercer a quarentena: o direito de se isolar em local salubre equipado de bens e condições básicas de subsistência como meio eficaz de prevenção de uma possível infecção. Trata-se de um privilégio para poucos – apenas uma camada populacional ínfima economicamente favorecida.

Soma-se à impossibilidade de exercício pleno do direito à quarentena, o colapso do sistema público de saúde, que se demonstra ineficaz para fornecer serviços básicos de



atendimento à população. Falta de investimento, leitos de UTI's lotados, escassez de respiradores, número de profissionais insuficiente para a demanda, resultado catastrófico: milhares de mortes de pessoas à espera de tratamento médico. Mortes evitáveis.

A terrível realidade da pandemia de COVID-19 no Brasil confirma a assertiva do sociólogo Boaventura de Sousa Santos: “qualquer pandemia é sempre discriminatória, mais difícil para certos grupos sociais do que para outros” (SANTOS, 2021, p. 103). O cenário de extrema desigualdade social, onde poucos têm direito à quarentena e a serviços básicos de saúde, demonstra como a pandemia “veio acrescentar mais vulnerabilidades e exclusões às já existentes, desequilibrando ainda mais, senão mesmo fazendo colapsar, os frágeis meios de subsistência e de defesa da vida” (SANTOS, 2021, p. 104).

O sociólogo português analisa os grupos sociais que padecem de especiais vulnerabilidades que se agravaram ainda mais com a pandemia. A fim de analisar tais grupos vulneráveis e excluídos, Boaventura de Sousa Santos lança mão de seu paradigma conceitual: as epistemologias do Sul.

## **2.1 EPISTEMOLOGIAS DO SUL**

O pensamento de Boaventura de Sousa Santos parte da constatação do necessário rompimento com os paradigmas dominantes, que somente validam os conhecimentos científicos elaborados a partir de um positivismo lógico e empírico, com base em marco metodológico abstratamente construído previamente. Em suma, Boaventura constata a necessidade de romper com o conhecimento científico eurocêntrico dominante construído na base cartesiana da diferença entre sujeito/objeto (SANTOS, 1987, p. 10-23).

Nessa perspectiva, é necessário visibilizar outras formas de conhecimento, cosmovisões, universos simbólicos e saberes originários das mais diversas regiões e culturas, a fim de que se possa conhecer e que se dê a devida relevância às experiências não eurocêntricas. Desta forma, a produção científica deve ser local, pois deve levar em consideração o local de fala daquele que está produzindo o conhecimento. Deve ser também de autoconhecimento: à medida que o pesquisador investiga, transforma o objeto e a si mesmo. A ciência também deve ser pautada no senso comum: visto de forma não pejorativa, o senso comum não se prende às amarras dos rigores metodológicos, estando aberto ao que a sociedade ou a comunidade tem a dizer (SANTOS, 1987, p. 46-58).

Porém, o conhecimento pautado neste senso comum sem estar acompanhado de um arcabouço metodológico válido, pode ser tornar um argumento ineficaz ou até mesmo de autoridade. Portanto, faz-se necessária uma metodologia científica adequada que irá dar voz àquelas comunidades historicamente marginalizadas, resultando num saber

científico. Perante a demanda por um novo conceito epistemológico, Boaventura desenvolve seu pensamento ancorado no paradigma conceitual: as epistemologias do Sul.

Boaventura propõe as epistemologias do Sul como um paradigma de conhecimento emergente que valoriza os conhecimentos locais, fugindo da colonização epistêmica do saber imposta desde a racionalidade iluminista que comete um real epistemicídio<sup>1</sup> – processo de invisibilização de saberes locais não assimilados pela ciência eurocêntrica (SANTOS, 1999, p. 283). Sustenta que não há justiça social sem justiça cognitiva global. As epistemologias do Sul são exatamente a tentativa de realizar essa justiça cognitiva global: visa trazer outros saberes para dentro do conhecimento científico, levando em conta que estes também são formas de produzir ciência.

As epistemologias do Sul se assentam em quatro ideias principais: sociologia das ausências – resgatar experiências que estão invisibilizadas, ocultadas; sociologia das emergências – dar voz e amplificar o que está a emergir no Sul global, não o considerando como algo exótico ou como uma questão de interesse meramente local, e sim o considerando um saber emergente; ecologia dos saberes – é necessário um conhecimento não monocultural, pois as epistemologias do Sul partem da ideia de pluriculturalidade; tradução intercultural – para tornar os saberes compatíveis uns com os outros, é necessário este procedimento a fim de realizar um diálogo entre os conhecimentos, visto que muitas vezes as mesmas aspirações de transformação social são designadas de modos diferentes, porém, não são díspares (SANTOS, 2009, p. 43-57). Deve-se salientar que o Sul não designa um espaço geográfico, e sim um espaço-tempo político e sociocultural: “é a metáfora do sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual” (SANTOS, 2020a, p. 13).

Portanto, através deste novo paradigma, que visibiliza outras experiências, realidades e conhecimentos secularmente eliminados, dizimados e ocultados, podemos observar as linhas abissais presentes na sociedade, que (re)produzem constantemente as exclusões sociais.

## **2.2 LINHAS ABISSAIS**

Boaventura afirma que as exclusões mais graves são as resultantes das linhas abissais que separam a humanidade em dois grupos: “um grupo constituído pelos seres

---

<sup>1</sup> Sobre o epistemicídio, Boaventura aduz: “O genocídio que pontuou tantas vezes a expansão europeia foi também um epistemicídio: eliminaram-se formas de conhecimento estranho (...) ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam constituir uma ameaça à expansão capitalista” (SANTOS, 1999, p. 283).

plenamente humanos, dotados de toda a dignidade humana, e os seres sub-humanos, ontologicamente inferiores, populações descartáveis” (SANTOS, 2021, p. 104). Aqueles que se encontram do outro lado da linha são vítimas constantes de violações aos direitos humanos, existem “sem qualquer direito efetivo e sempre à mercê de um poder social fascista, mesmo que o regime político seja democrático” (SANTOS, 2021, p. 105).

Distingue-se três linhas abissais primordiais, ou seja, três modos principais de dominação na sociedade contemporânea: a capitalista, a colonialista e a patriarcal. A partir desta concepção e de dados empíricos coletados em diversos contextos sociais, Boaventura analisa como a pandemia de COVID-19 “agravou a tragédia humana das comunidades sujeitas a exclusões abissais” (SANTOS, 2021, p. 105).

Nas linhas abissais com predominância econômica (capitalista), as exclusões decorrem das desigualdades na exploração da força do trabalho. Trabalhadores informais, autônomos, ambulantes, diaristas, além de trabalhadores que exercem atividades essenciais – conceito que se ampliou durante a pandemia com o intuito de assegurar a comodidade das altas classes – desde garis a porteiros e entregadores, tiveram que continuar trabalhando. Estiveram (e ainda estão) mais expostos ao vírus, sem qualquer direito à quarentena. Notório que a maioria destes trabalhadores são submetidos a condições de trabalho degradante, o que dificulta terem a devida proteção – uso de máscaras, álcool, higiene pessoal (SANTOS, 2021, p. 106-111). Deve-se citar também a grande quantidade de desempregados durante pandemia: pessoas lançadas à própria sorte.

Ainda no que diz respeito às linhas abissais com predominância econômica, destacam-se os moradores de periferias pobres e favelas. Locais sem infraestrutura, saneamento básico, escassez de água e eletricidade e sem acesso a serviços básicos de saúde. Vivem em pequenos espaços onde famílias numerosas se aglomeram. Tais condições de habitação impedem que sigam as regras de prevenção - isolamento social e higiene pessoal (SANTOS, 2021, p. 111-113). Situação ainda mais degradante são dos moradores de rua que, além de estarem totalmente expostos ao vírus por não terem onde se abrigar, passaram a receber menos alimentos e doações devido à diminuição da circulação de transeuntes e do fechamento de restaurantes que distribuía os restos de comida (SANTOS, 2021, p. 113).

Nas linhas abissais com predominância racista-colonialista, encontram-se os povos indígenas que, tal como no passado, foram infectados por estranhos à comunidade. A baixa imunidade imunológica somada à falta de acesso a serviços de saúde, tornam os povos indígenas vítimas fatais da pandemia. O mesmo ocorre com as populações negras

e povos quilombolas: “o acúmulo histórico de tanta exclusão e destruição não podia deixar de se converter na extrema vulnerabilidade das suas condições de vida” (SANTOS, 2021, p. 117). Observa-se a desigualdade entre brancos e negros tanto por terem menos acesso a serviços de saúde, quanto pela disparidade de tratamento – são tratados de forma desigual quando chegam aos hospitais. Cabe destacar que, assim como ocorre com outros grupos, grande parte da população negra sofre exclusões causadas por várias linhas abissais simultaneamente: encontra-se em larga medida em favelas; moradores de rua; desempregados ou em trabalhos sob condições degradantes (SANTOS, 2021, p. 121).

Por fim, destacam-se as linhas abissais com predominância sexista. As mulheres se encontram na linha de frente da prestação de cuidados a doentes e idosos, pois dominam profissões como enfermagem e assistência social. Observa-se também que numa sociedade marcadamente patriarcal, as tarefas domésticas, que recaem de forma desproporcional sob as mulheres, se agravaram com a quarentena. Além disso, o confinamento familiar acarretou no aumento de números de casos de violência e maus-tratos contra as mulheres, que “presas” em suas casas com os agressores, ficam isoladas e sem poder denunciá-los. Ainda nesta linha abissal, deve-se destacar que os LGBTIs também estão expostos à situação de vulnerabilidade, pois confinados em ambientes hostis com familiares, que não os aceitam, são vítimas de violência, ansiedade e depressão (SANTOS, 2021, p. 125-128). Conclui-se que “a pandemia veio potencializar as vulnerabilidades acumuladas em razão do gênero” (SANTOS, 2021, p. 125).

Diante de tantas zonas de exclusão, onde a maior parte da população está inserida, Boaventura expõe como “o vírus abre as veias do mundo e revela com extrema agressividade todas as vulnerabilidades (...) e não só as revela, como as faz sangrar ainda mais” (SANTOS, 2021, p. 103). Além de visibilizar realidades excluídas pelos paradigmas dominantes, as epistemologias do Sul dialogam com outras formas de saber, as inserindo na produção de conhecimento científico. Sob esta perspectiva, destaca-se um diálogo possível (e necessário) com a arte, que realiza potentes críticas sociais.

### **3. ARTE: VISIBILIZANDO LINHAS ABISSAIS**

Se as epistemologias do Sul partem da ideia de que não há justiça social sem justiça cognitiva global, também não há justiça social sem justiça estética. Deve-se articular um diálogo entre a ciência e tantos outros saberes, especialmente, a arte. As desigualdades sociais, que não são objeto da ciência dominante, são temas recorrentes da arte. Os artistas caminham sob as linhas abissais e as transformam esteticamente.

Portanto, a arte realiza uma narrativa estética das linhas abissais: a indignação e a revolta dos artistas frente – e em sua maioria sofridas pessoalmente – às desigualdades e discriminações decorrentes dos domínios capitalistas, colonialistas e patriarcais são transformadas esteticamente através de obras de arte que denunciam as linhas abissais.

Boaventura aduz que há uma estética pós-abissal que parte da constatação da existência de exclusões abissais na sociedade e procura a partir dela, produzir um conhecimento de dignidade e respeito (SANTOS, 2020b, p. 332-338). A estética pós-abissal é uma forma de conhecimento nascido em processos de luta e resistência contra os meios de dominação que perpetuam exclusões sociais. Obras literárias expõem o sofrimento por parte de grupos inseridos nas zonas de exclusão em tempos de pandemia.

### **3.1 DECAMERON DE BOCCACCIO**

“Tanto por falta do devido atendimento (...) quanto pela força da peste, era tamanha a multidão de gente a morrer noite e dia na cidade que causava espanto” (BOCCACCIO, 2013, p. 28). Tais palavras aparentam terem sido extraídas de alguma matéria jornalística ou de um relato pessoal sobre a atual pandemia de COVID-19. Porém, trata-se de um trecho extraído do clássico literário “Decameron” escrito por Boccaccio entre os anos 1348 e 1353.

A obra se insere no contexto histórico europeu do século XIV, marcado por um período de transição e crises. Após o fim das cruzadas na Baixa Idade Média, a Europa se caracterizava pela ascensão da burguesia e o crescimento das cidades. Porém, a crise do feudalismo se deflagrava com a Grande Fome, a revolta dos camponeses e a peste bubônica, também conhecida como peste negra. Considerada a pandemia mais devastadora registrada na história, vitimou cerca de 150 milhões de pessoas na Eurásia, reduzindo cerca de 50% da população europeia (BENEDICTOW, 2006, p. 110-123).

Este cenário de devastação ocasionado pela pandemia é retratado em “Decameron”. Inclusive, a obra de Boccaccio não apenas se tornou referência na arte como também é considerada uma rica fonte histórica sobre a vida cotidiana na Itália do século XIV. A narrativa se desenvolve em Florença em 1348, quando dez jovens decidem se isolar em um palácio nas colinas da região por duas semanas, logo após a rápida disseminação da peste na cidade. Acompanhados de servos, os jovens se ocupam de cantos, danças, passeios, banquetes e de contar estórias<sup>2</sup> durante a luxuosa quarentena.

---

<sup>2</sup> Ao fim do isolamento, cem novelas foram narradas: dez estórias contadas por cada participante no período de dez dias, exceto às sextas e sábados por questões religiosas e de cuidado pessoal. Esta estrutura da obra justifica o título “Decameron” – genitivo plural derivado do grego que significa “dez jornadas”.

De forma magistral, o clássico apresenta dois aspectos diametralmente opostos da literatura: pode ser tida como uma provisória suspensão da realidade, se separando da vida cotidiana; porém, ao mesmo tempo realiza uma forte crítica social da Europa do medievo através de uma “representação total da experiência humana” (GUERINI, 1999, p. 39). Boccaccio inova e revoluciona a literatura medieval – dominada basicamente em retratar a vida da nobreza e contos de cavalaria – ao abordar diversos temas sobre: o comportamento humano e as relações interpessoais<sup>3</sup>; críticas às instituições sociais<sup>4</sup>; e as tensões entre os estratos sociais da época – a nobreza, o clero, a burguesia e os servos.

É diante do contexto da pandemia de peste bubônica que “Decameron” expõe as desigualdades sociais entre as classes dominantes e as oprimidas. Escancara uma triste realidade comparativamente similar à atual pandemia de COVID-19, na qual grande parte da camada populacional desfavorecida economicamente é a mais atingida pela disseminação da doença fatal e ao mesmo tempo totalmente desamparada: “morreram muitos que, se porventura ajudados, teriam escapado” (BOCCACCIO, 2013, p. 28).

A medicina preventiva da época, perante a alta contaminação de alguma doença mortífera, resumia-se em quarentena<sup>5</sup>. “Decameron” denuncia em diversas passagens como apenas os mais favorecidos podiam se recolher em casas salubres e bem equipadas como medida urgente e necessária para se prevenirem do contágio. Destaca ainda que durante tal período de isolamento, os nobres e a alta burguesia usufruíam de toda luxúria distantes da trágica realidade que acometia a maior parte dos indivíduos da sociedade:

(...) reuniam-se e passavam a viver separados dos outros, recolhendo-se e encerrando-se em casas onde não houvesse nenhum enfermo e fosse possível viver melhor, usando com frugalidade alimentos delicadíssimos e ótimos vinhos, fugindo a toda e qualquer luxúria, sem dar ouvidos a ninguém e sem querer ouvir notícia alguma de fora, sobre mortes ou doentes, entretendo-se com música e com os prazeres que pudessem ter (BOCCACCIO, 2013, p. 26).

Sem direito à quarentena, obrigados a trabalhar, circular nas cidades, laborando e residindo sob condições insalubres e degradantes, sem qualquer serviço básico de saúde, as classes mais pobres eram fatalmente atingidas pela peste. Boccaccio relata tal cenário sombrio e catastrófico que evoluía nas cidades:

---

<sup>3</sup> No que diz respeito às relações humanas, a obra tematiza sobre: o amor sob um aspecto erótico; a ganância, a trapaça e a traição na luta pela sobrevivência; e o papel da mulher na sociedade, não mais ocupando uma atitude passiva e dotada de uma pureza intrínseca, passando a atuar de maneira ativa nas relações interpessoais.

<sup>4</sup> Realiza críticas sobretudo contra a Igreja Católica como instituição, satirizando os costumes, os dogmas e a vida luxuosa do clero.

<sup>5</sup> A quarentena se originou na Itália durante a peste bubônica: os navios, que chegavam aos portos venezianos oriundos de locais infectados, eram obrigados a aguardar quarenta dias em alto mar antes de atracar. A palavra “quarentena” deriva do italiano “quaranta giorni” – quarenta dias (FARRELL, 2020).

Maior era o espetáculo da miséria da gente miúda e, talvez, em grande parte da mediana; pois essas pessoas, retidas em casa pela esperança ou pela pobreza, permanecendo na vizinhança, adoeciam aos milhares; e, não sendo servidas nem ajudadas por coisa alguma, morriam todas quase sem nenhuma redenção. Várias expiravam na via pública, de dia ou de noite; muitas outras, que expiravam em casa, os vizinhos percebiam que estavam mortas mais pelo fedor do corpo em decomposição do que por outros meios; e tudo se enchia destes e de outros que morriam por toda parte (BOCCACCIO, 2013, p. 29).

A mesma situação de desamparo e miséria ocorria nos campos – com a evidente exceção dos palácios das famílias nobres e da alta burguesia localizados nas regiões – onde milhares de pobres trabalhadores campestres morriam sem qualquer ajuda médica:

E, deixando de lado todas as particularidades das passadas misérias sofridas pela cidade, direi que aqueles tempos tão adversos que a devastavam nem por isso pouparam os campos circundantes, onde (sem mencionarmos os castelos, que eram cidades em miniatura), nas aldeias esparsas e nas plantações, os lavradores miseráveis e pobres e suas famílias, sem nenhum socorro de médicos nem ajuda de serviçais, morriam nas ruas, nas lavouras e nas casas, de dia e de noite, indiferentemente, não como homens, mas quase como animais (BOCCACCIO, 2013, p. 30).

Trechos de “Decameron” relatam também que os servos, explorados pelas estratos mais altos e submetidos a cuidar de burgueses e nobres acometidos pela peste, acabavam sendo contaminados e, posteriormente, morriam sem qualquer auxílio:

(...) havia eram homens ou mulheres de tosco engenho, a maioria não acostumada a tais serviços, que só serviam para pôr nas mãos dos doentes algumas coisas que estes pedissem ou para velar a sua morte; e, cumprindo tal serviço, muitas vezes pereciam junto com seus ganhos (BOCCACCIO, 2013, p. 38).

Enquanto o humanismo renascentista engendrava os conceitos de igualdade, universalidade, liberdade – ideais que tiveram seu ápice no iluminismo – Boccaccio, através da arte, visibiliza as exclusões abissais existentes que resultaram na dizimação de grupos, vítimas preferenciais da pandemia. Linhas abissais que insistem em permanecer.

### **3.2 LITERATURA DE CORDEL**

A literatura de cordel é uma manifestação artística literária presente na região nordeste, que influenciou grandes nomes da literatura brasileira como Guimarães Rosa, Ariano Suassuna e João Cabral de Melo Neto. Estrutura-se em versos com métrica e rima, adotando uma linguagem regional – tida pejorativamente como uma linguagem informal, embora apresente graus complexos de construção poética tendo em vista que preservam características da oralidade. Deste modo, o cordel se opõe à literatura tradicional dominante, constituindo uma estética pós-abissal: transformam esteticamente aspectos socioculturais locais, dando ênfase ao sofrimento cotidiano do povo.

Obras da literatura de cordel tematizam a pandemia de COVID-19 com funções educativas – ensinam como a população deve se proteger do vírus – e críticas. Autores de cordel realizam potentes críticas sociais sobre a realidade da pandemia no Brasil. Em “A

Covid tem ceifado a vida de muita gente”, Klévisson Viana expõe as milhares de mortes e denuncia a postura do atual presidente do país perante a situação:

A Covid ceifando muitas vidas/ E o perverso zombando da doença/ Quando a morte espalha sua sentença/ São milhares de histórias destruídas/ As famílias enlutadas e perdidas/ Sem saber se retornam ou vão em frente/ É preciso mais amor por nossa gente/ Esse povo sofrido e humilhado/ O futuro que tenho projetado/ Será muito melhor que meu presente (VIANA, 2020).

Em “Serpente quer por ovo no Brasil”, Assis Ângelo concentra suas críticas no presidente Jair Bolsonaro, ressaltando as atitudes de desdém e de total desamparo à população mais pobre, que agravaram ainda mais os efeitos da pandemia:

A Covid-19/ No mundo é pandemia/ No Brasil é quase nada/ É somente gritaria/ Segundo Bolsonaro/ É conversa, fantasia/ Os mortos se multiplicam/ No colo do Capitão/ Que o tempo todo só fez/ Engendrar complicação/ Deixando o povo tonto/ Sem luz, na escuridão (ÂNGELO, 2020)

O autor Tião Simpatia visibiliza as linhas abissais, demonstrando como a pandemia aprofunda as desigualdades e discriminações. Denuncia como as classes economicamente inferiores não podem exercer o direito à quarentena, nem mesmo seguir regras de prevenção e proteção por falta de recursos e ainda são vítimas da fome; enquanto as classes dominantes usufruem do mais alto luxo durante a pandemia:

Mas quando ficar em casa/ Não for uma opção? (...) Parece até demagógico/ Pedir pra ficar em casa, /Quem precisa trabalhar/ Senão o aluguel atrasa./ Um fator sociológico;/Outro epidemiológico;/ Que grande contradição! Classe alta, baixa e média/ Vítimas da mesma tragédia/ Mas no mesmo barco, não!/ O barco da classe rica/ É um iate de luxo;/ Enquanto o da classe pobre/ Não tem comida pro bucho./ Falta gel, água, sabão/ Máscara, ventilação,/ Até sabonete falta!/ Já parou pra pensar nisso?/ E aí? Vai ficar omissos?/ Você que é da classe alta?/ São perguntas sem respostas.../ Esse é nosso País! (SIMPATIA, 2020)

#### 4. CONCLUSÃO

A pandemia agravou as desigualdades e discriminações sofridas por grupos sociais vulneráveis à dominação capitalista, colonialista e patriarcal. Trabalhadores informais, autônomos, prestadores de serviços essenciais, moradores de rua, desempregados, moradores de favela, mulheres, LGBTIs, povos indígenas, quilombolas, populações negras e tantos grupos vítimas das distintas formas de exclusões contemporâneas, enfrentam a pandemia sem qualquer amparo e direitos assegurados.

Além de revelar as linhas abissais existentes na sociedade, as epistemologias do Sul também permitem pensar para além dos paradigmas dominantes: abrindo um campo científico em que a arte interage com outros conhecimentos. Através do clássico “Decameron” de Boccaccio e de obras da literatura de cordel dos autores Klévisson Viana, Assis Ângelo e Tião Simpatia, denota-se que a arte realiza uma potente crítica social.



Autores que transformam esteticamente a indignação e o sofrimento em arte pós-abissal: uma forma de saber produto de processos de luta e resistência, que visibiliza as exclusões sociais. Embora sete séculos separem “Decameron” – escrito em outro contexto histórico – da atualidade, as latentes semelhanças da atual pandemia com o medievo surpreendem. As linhas abissais de predominância econômica se perpetuam: enquanto muitos são abandonados à própria sorte, pequena parcela social economicamente favorecida goza de luxo, serviços de saúde de excelência e direito à quarentena.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÂNGELO, Assis. **Serpente quer pôr ovo no coração do Brasil**. Fortaleza: Rouxinol do Rinaré Edições, 2020.

BENEDICTOW, Ole J. **The Black Death 1346-1353: The Complete History**. Woodbridge: Boydell & Brewer, 2006.

BOCCACCIO, Giovanni. **Decameron**. Trad.: Ivone Benedetti. Porto Alegre: L&PM, 2013.

FARRELL, Jenny. **Writing at a time of plague: Boccaccio, Dante, Petrarca, Chaucer**. Disponível em: <<https://www.peoplesworld.org/article/writing-at-a-time-of-plague-boccaccio-dante-petrarca-chaucer/>>. Acessado em 18 de outubro de 2021.

GUERINI, Andréia. **O Decameron e Pasolini: A interface literatura-cinema**. In: Anuário de literatura, volume 7. Florianópolis: UFSC, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 1ª ed.. Porto: Edições Afrontamento, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pela Mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade**. 7ª ed.. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

\_\_\_\_\_. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina SA, 2009.

\_\_\_\_\_. **O Fim do Império Cognitivo: A afirmação das epistemologias do Sul**. 1ª ed.. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

\_\_\_\_\_. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina SA, 2020a.

\_\_\_\_\_. **Hacia una estética de las Epistemologías del Sur: manifiesto em veintidós tesis**. In: Conocimiento nacidos en las luchas. Madrid: Akal, 2020b.

\_\_\_\_\_. **O futuro começa agora: da pandemia à utopia**. São Paulo: Boitempo, 2021.

SIMPATIA, Tião. **Cordel do Coronavírus**. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2020.

VIANA, Klévisson. **A Covid tem ceifado a vida de muita gente**. In: Meu baú de cordéis. Fortaleza: Tupynanquim, 2020.